

ESTADO DO MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

MACUNAÍMA: IRONIA E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

Maria Sudoestia Ribeiro

82.09
C 9256.9339

não

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	66.26
Data	31 / 01 / 02

82.09
R484m

Pontes e Lacerda

ESTADO DO MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

MACUMAÍMA: IRONIA E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO
BRASILEIRO

Ensaio Monográfico para a conclusão do Curso de
Licenciatura Plena em Letras – Universidade do Estado
de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e
Lacerda.

Pontes e Lacerda

2001

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha Charlott Ribeiro Rodrigues e ao meu marido Rodrigo A. Rodrigues, que me deram apoio e me suportaram nos momentos de *stress*.

Aos meus pais, que mesmo estando longe me apoiaram e sobre tudo por terem me dado a vida.

Dedico também á minha colega e amiga Aparecida Kapfemberg, por ter me ajudado com este trabalho.

AGRADECIMENTO

A Deus, por ter feito de mim alguém capaz de, aos poucos, realizar cada um de meus sonhos.

Aos meus colegas de trabalho, Clarice, Selma e Alexandre, por terem me ajudado nos momentos que precisei.

Aos meus professores, em especial ao meu orientador José Maria de Souza, por ter acreditado em mim e no meu trabalho.

A todos os meus colegas de classe, por não terem desistido e chegarem até aqui. A eles os meus parabéns pela vitória.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente participaram desta etapa de minha vida.

O estudo da identidade nos remete a uma distinção entre movimentos sociais e manifestações culturais. Não resta dúvida de que a cultura encerra sempre uma dimensão de poder que lhe é interna. (Renato Ortiz)

SUMÁRIO

Apresentação.....	07
Tempos da literatura brasileira	08
Macunaíma: uma obra polêmica	12
Macunaíma: ironia e constituição da identidade do povo brasileiro.....	16
Considerações finais	26
Bibliografia	27

APRESENTAÇÃO

Partimos para a execução deste trabalho impulsionado por uma inquietação que diz respeito ao contexto social e histórico apresentado na obra *Macunaíma* de Mário de Andrade, que nos acompanhou durante a maior parte do curso de Letras.

Assim sendo, a pesquisa que tem nesta obra enigmática entendendo a forma como se dá a constituição da identidade do povo brasileiro na obra de Mário de Andrade “*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*”, refletindo logo de início sobre a importância do aspecto cultural de 1922 que foi Semana da Arte Moderna e fechando com a análise da obra.

Para desenvolver a análise, apresentamos críticas sobre o processo pelo qual o Brasil foi constituído, em que está explícito na obra escrita por Mário de Andrade. Abordamos sobre “a construção da identidade do povo brasileiro” na visão crítica que o país atravessou, apontando com citações da obra em questão. Para constituir esse ensaio monográfico, usamos referências bibliográficas.

Esperamos com esse trabalho que o leitor possa entender melhor como se dá a construção da identidade do povo brasileiro, em “*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*”.

TEMPOS DA LITERATURA BRASILEIRA

O século XX foi palco de uma grande mudança, tanto no fator sócio-econômico como no fator cultural do Brasil. Uma dessas mudanças aplica-se ao fator cultural que no final do século XIX desencadeava-se uma bruta e total mudança, já que as tendências culturais vinham da Europa. E o modernismo era um movimento que estava surgindo em prol dessas tendências internacionais.

A introdução do surrealismo, futurismo, dadaísmo e outros “ismos” no Brasil, fazem despertar nos intelectuais da época um descontentamento. Pois a burguesia mandava e desmandava, fazendo assim com que seus interesses fossem atendidos, ou seja, não queriam mudanças, isso fez despertar ainda mais o interesse por parte do grupo de intelectuais que ansiavam medidas, mudanças com sabor de contrariedade.

Esse descontentamento vem à tona na semana da Arte Moderna no ano de 1922 em 13, 15 e 17 de fevereiro, no teatro municipal de São Paulo, momento em que Paulo Prado considera a semana como uma forma de “assustar a burguesia que cochilava na glória de seus lucros”. Pois na realidade a elite da época preferia a poesia parnasiana, a pintura de Almeida Júnior, e a ópera de Carlos Gomes, do que aqueles versos sem métrica de Manuel Bandeira, quando cita “carnaval”, ou mesmo as figuras deformadas de Anita Malfatti, e até mesmo a música de Vila-Lobos, que chegou a introduzir uma folha de zinco em sua orquestra. A semana de Arte Moderna teve como resultado o sentimento de agressão sentido pela elite.

O movimento modernista de 22 estava associado à instabilidade política-social da época, visto que o social pedia por mudanças, mesmo porque havia um surto industrial, e os operários estavam lutando por seus direitos, direitos esses que eram em prol de melhores salários, horário reduzido de trabalho, entre outras reivindicações. Com isso, as principais cidades brasileiras, em particular São Paulo, sofreram uma rápida transformação.

A primeira guerra mundial (1914-1918), foi responsável pelo grande surto de industrialização e com isso surge também a burguesia industrial, que se fortalecia cada dia mais. O governo federal estava voltado para uma política econômica no qual o café era o principal produto de exportação, pois o café foi fonte de riqueza desde 1889 a 1930, deixando assim por muito tempo o Brasil como sendo um principal exportador desse produto. O café também foi responsável pela grande quantidade de imigrantes que entraram no Brasil em 1917. E com isso aumenta a população existente no Brasil.

A história do modernismo como de nossa instituição cultural, está desligada de Portugal, já que pela ligação enquanto colônia, o Brasil recebeu a herança cultural e os valores dos portugueses. A semana de 22 foi um movimento de caráter revisionista que procurava questionar a nossa cultura e história e desmascarando os valores europeus que no Brasil foram implantados.

O movimento teve início na grande São Paulo, visto que essa era considerada a cidade mais metropolitana do Brasil. A semana de-22, estava caracterizada por vários intelectuais que se constituíam no grupo que contavam com Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Ronaldo de carvalho, Paulo Prado entre outros .

Os jornais e revistas da época publicavam nos mínimos detalhes os acontecimentos que se passavam no teatro municipal. Dentre esses um destaque maior a insatisfação da burguesia conservadora que taxava os artistas de baderneiros, chegaram até a prejudicar alguns artistas que davam aula de música, dizendo que não seriam boa influência para seus filhos.

... a semana pretendia ser a abolição da república velha das letras. Pois era necessário que alguns talentos se movessem no solo de uma cidade moderna. São Paulo era a cidade mais desenvolvida do país, as imagens novas da indústria, da máquina, da metrópole, do burguês, do proletário e do imigrante. (BOSI .*Céu , inferno*, 1988 : 116).

A semana da Arte moderna introduz no Brasil do século XX, as coordenadas culturais, políticas e sócio-econômicas, rompe com a burguesia rural (Burguesia rural x Burguesia urbana), tornando-se assim um movimento contra a burguesia acomodada. O poema *Ode ao Burguês* (Paulicéia desvairada) está indicando a dimensão crítica que os modernistas e especialmente Mário de Andrade dão a esse tipo de burguesia. “Morte ao burguês de gíolhos, / “cheirando região e que não crê em Deus! / “Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!” (Mário de Andrade: 1921).

Por quê fazer o maior momento cultural em São Paulo? Por vários motivos, um deles seria porque São Paulo estava a todo vapor na economia industrial, seus comércios davam-lhe ares de mundo atualizado, sua aristocracia era moderna, já que se tratava de proprietários de fábricas e “barões de café”. O comércio de exportação do café dava-se através daqueles portos, já que São Paulo era um dos maiores produtores de café. São Paulo não era só uma

cidade ideal para a Semana da Arte moderna, mas foi a partir dela que Mário de Andrade escreve um dos maiores símbolos da semana de 22 “Paulicéia Desvairada”, que é considerada um retrato de São Paulo com toda sua modernidade.

... Paulicéia Desvairada, escrita em ritmos livres e forma extraordinariamente ousada, perturbou a paz literária da cidade: apontava-se com o dedo o desvairado poeta; ocorreram-lhe sérias desavenças com a família e a crítica não lhe poupou ataques hostis. (Mário de Andrade, apud ROSENFELD 1994: 96).

Mário Raul de Moraes de Andrade nasceu em nove de outubro de 1893 em São Paulo. Cursou o secundário no ginásio Nossa Senhora do Carmo, ingressou logo depois no conservatório de cultura da prefeitura de São Paulo, foi professor de História da música, considerado posteriormente o “Papa” do modernismo. Um verdadeiro estudioso do folclore, Mário soube conjugar uma vida de intensa criação literária na poesia, romance, conto, etc. Fez ainda, um estudo apaixonado dos estudos da música e das artes plásticas. Notamos em seus relatos que Mário nunca deixou sua pátria tanto de corpo como de coração, retratando o seu amor por São Paulo em seu poema “Paulicéia Desvairada”. “... comoção de minha vida, sua garoa, seus bondes que gingham nos trilhos, sua mulatas, sírios, italianos, seu futebol, suas feiras, ...”

Em outra obra importante “Amar, verbo intransitivo” Mário retrata minuciosamente a vida moral e sexual que levavam os burgueses de sua época. Além de ser um verdadeiro crítico da sociedade paulistana, ele também se preocupava com a autenticidade das expressões usadas pelos brasileiros (vocabulário), ou seja, buscava expressar uma linguagem nossa, falada pelo povo brasileiro, daí a preocupação com a linguagem em suas obras.

É na segunda fase do modernismo que Mário publica uma das suas melhores obras, ou como é considerada a sua obra-prima “Macunaíma”, que o autor denomina de rapsódia, por tratar-se de uma coletânea de lendas folclóricas de todo o Brasil.

Macunaíma que pertence à tribo Tapanhumas, nasce no mato-virgem, uma criança negra que fala somente com seis anos devido à imensa preguiça que sentia, foi uma criança malandra e manhosa. Depois do banho com o caldo envenenado de aipim seu corpo desenvolveu-se, mas continuava com cara de piá. Parte do Uraricuera juntamente com seus irmãos e vai para São Paulo em busca de um amuleto (a Muiraquitã) que fora roubado pelo gigante Venceslau Pietro Pietra, um capitalista que acaba ficando com a pedra. Em uma luta

com o gigante Paiamã, depois de morrer por duas vezes e ser ressuscitado por seu irmão Maanape, Macunaíma consegue vencer Venceslau Pietro Pietra matando-o e recuperando o amuleto, volta para o Amazonas e lá morrendo sobe num cipó e vai para o céu virar constelação da Ursa Maior.

Quando se ler a obra percebe-se logo que Mário de Andrade está retratando a cultura de um povo miscigenado que busca suas origens nos costumes, no folclore, na linguagem e etc. Principalmente valorizando os povos nos quais formam a grande nação brasileira e também mostrando ao mundo um Brasil real.

O modernismo rompe com este estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas com superioridades. A filosofia cósmica e superficial, que alguns adotaram em certo momento nas pegadas de Graça Aranha, atribuiu um significado construtivo, heróico ao Candinho de raças e culturas localizada numa natureza áspera. Não se precisaria mais dizer e escrever, como no tempo de Bilac ou do Conde Afonso Celso, que tudo e aqui belo e risonho: (...) O primitivo e agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. (CANDIDO, 2000: 120)

A obra “Macunaíma” foi escrita na por vários anos, mas foi organizada por Mário de Andrade em uma semana entre 16 a 23 de dezembro de 1926 em sete dias, somente foi publicada em 1928, em meio ao período em que a obra foi escrita até sua publicação, ela surtiu algumas mudanças, por isso a demora para ser publicada. Primeiramente Mário chamou a obra de “História”, queria aproximá-la dos contos populares, pois o livro apresentava esse gênero. Mas achou que não era um título propício e chamou de “Rapsódia”, por apresentar-se como as rapsódias musicais, já que rapsódia é a maneira de cantar dos rapsodos gregos, são também rapsódias os boletins de cordel, pois são versificados, musicados pelos vendedores que colocam esses folhetins em uma corda e começam a cantar rimas para chamar a atenção das pessoas que ali passam. Assim, a obra foi concluída, tendo em vista que o Brasil é tão grande em todos os aspectos culturais, que nem Mário ou outro escritor conseguiria expor tudo em apenas uma obra.

“MACUNAÍMA” UMA OBRA POLÊMICA

A obra “Macunaíma” apresenta a valorização do primitivo e o confronto deste com os valores da sociedade moderna em constituição no Brasil. Nela o índio e negro, são visto como elementos importantes que dão a origem de um povo miscigenado, isto é, formado pela mistura de vários grupos. E possuindo um composto diferenciado das demais obras do modernismo. Há na obra a existência de mitos, manifestações folclóricas, lendas, ditos populares, credices e outros elementos e fragmentos da cultura popular que fazem parte de um propósito antropofágico, sendo sem intenção por parte do autor uma composição no estilo antropofágico, mas que acabou sendo uma obra verdadeiramente nesse sentido, ou seja, uma cultura que é atribuída aos menos desfavorecidos, vindo dos índios e negros, porque na verdade toda essa manifestação junta, dão um colorido particular a esse povo desfavorecido que são a maioria.

“Macunaíma” é um ataque àqueles que não consideram a cultura popular, ou como tendo nela as suas raízes, à medida que o Brasil é uma mistura não só de raças, mas de culturas em que se manifestam as lendas, mitos que são criadas pelo imaginário popular ou adotadas dos índios ou negros, juntamente com a linguagem, os costumes de um povo que é mistura de sangues fortes.

O folclore, como um universo simbólico de conhecimento, se aproxima do mito e se revela como o saber do particular. A pluralidade da memória coletiva deriva justamente do fato de ela se encarnar no grupo que ela a representa debilidade imanente ao popular, mas sim da diversidade dos grupos sociais que são portadores de memórias diferenciadas . (ORTIZ, 1994: 138).

Mário quando escreve a rapsódia brasileira “Macunaíma” procura resgatar nossas raízes culturais e formar uma consciência nacional, aquela que não é imposta e sim espontânea. Então ele parte das valorizações dos costumes, do folclore, da linguagem e principalmente a valorização dos povos nos quais formam a grande nação brasileira, pois o índio e o negro não eram vistos como parte importante da sociedade. Mário então escreve uma obra polêmica e crítica, para romper com a alienação literária, começando pela escrita que é inovadora.

Toda obra é pessoal única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos, e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento. (CANDIDO, 2000: 139).

X O autor em “Macunaíma” relata a mais fiel de nossa cultura, cultura essa que está presente em nosso cotidiano, que é passado de geração em geração, e por isso, a obra está centrada em uma base sólida, é um livro que se aproxima da cultura popular. Pois só ela dá margem a uma verdadeira expressão de um povo. Visto que era um dos objetivos do movimento modernista essa aproximação com a cultura popular. Nela percebemos também que Mário ao escrever “Macunaíma” em muitos momentos, usa de uma narrativa fantástica para compor seu livro misturando cenas surrealistas¹ como no caso dos sonhos que Macunaíma tem com o mar e de repente ao beber água da fonte ele vê um navio.

Chegara bem debaixo do movimento de Carlos Gomes que fora um músico muito célebre e agora era uma estrelinha no céu. O ruído da fonte murmurando na tardinha dava pro herói a visagem das águas do mar. Macunaíma sentou no parapeito da fonte e assustou os baguais marinhos de bronze chorando água. E lá na escuridão da gruta por detrás da tropilha presenciou uma luz. Fixou mais e distinguiu uma embarcação muito linda que vinha boiando sobre as águas (...), o navio já vinha bem visível por detrás dos baguais de bronze. (ANDRADE, 1997: 87).

Mário de Andrade estabelece os limites do real e o irreal. Roberto Short² aborda essa questão do surrealismo falando que “os surrealistas recorrem à arte porque, embora seja um expediente lamentável; ela continua a ser a melhor maneira de registrar a vida interior ou conferir as imagens subjetivas, forma de realidade e de projeção dos desejos.” O autor usa o folclore porque essa manifestação popular é fonte de inspiração do ficcionismo.

¹ Relativo ao surrealismo, que significa Moderna escola de literatura e arte iniciada em 1924 por André Breton, escritor francês (1896-1966), caracterizada pelo desprezo das construções refletidas ou dos encadeamentos lógicos e pela ativação sistemática do inconsciente e do irracional, do sonho do estado mórbido, valendo-se freqüentemente da psicanálise. Visava, em última instância, à renovação total dos valores artísticos, morais, políticos e filosófico. (Aurélio Buarque de Holanda, 1986: 1633).

² In: Bradbury e James Mcfarlane (organização); tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p. 248.

Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajuda-lo. (Mário de Andrade em *Macunaíma*, p.26).

É evidente que Mário de Andrade usa do fantástico em “Macunaíma” para explicar a maneira como o herói morre e ressuscita mais de uma vez, ou quando Macunaíma se transforma ora em príncipe, ora em formiga, bem como transporta-se de um lugar para outro como num passe de mágica, uso dessas estratégias é uma forma de alinhar discursivamente elementos que de outra forma não se tornariam coerentes. Os outros personagens em questão, também transformam-se em outras coisas. Daí a relação com o fantástico literário. Pois, segundo Tzvetan Todorov na obra *Introdução à literatura fantástica*, discorre sobre o fantástico falando o seguinte:

O fantástico implica, portanto não apenas a existência de um acontecimento estranho, que provoca hesitação no leitor e no herói; mas também numa maneira de ler, que se por ora definir negativamente: não deve ser nem poética, nem alegórica. Se voltarmos ao manuscrito, vemos que essa exigência acha-se aí igualmente preenchido... (TODOROV, 1992: 38).

✧ Um outro fator interessante em “Macunaíma” de Mário de Andrade é a clareza como ele trabalha a linguagem na obra. O mesmo procura um linguajar que não é aquele que conhecemos na gramática. Mário queria atentar o leitor para um tipo de linguagem diferenciado do falar lusitano. Esse queria sim, destacar a forma de falar que é nosso, que foi formada por diferentes povos. Porque se usarmos a linguagem imposta por outros povos, não estamos sendo autênticos conosco. E Rosenfeld aborda exatamente esta questão da linguagem enquanto nossa.

Para Mário é uma questão de veracidade escrever a língua de tal modo que atinja o seu ser – seu ser arlequinesco, que tem trezentos e cinquenta anos, do qual grita a voz do branco, mas em que se misturam três raças – com extrema firmeza. E como se pudesse definir a si próprio por meio da língua que define seu povo (...), ele exercita uma língua nacional: e uma língua popular sintética, que abrange a todas regiões amorosamente e procura unir os diferentes modos de falar de um país imenso sob um denominador comum. (ROSENFELD, 1994: 109).

↳ “Macunaíma” pode ser considerada uma obra que retrata o Brasil, com um personagem contraditório de caráter duvidoso ou impossível de ser definido, que tendo nascido negro e filho de índia de uma tribo negra se torna branco ao ir para a cidade em busca do amuleto que recebeu de sua amada, o qual esta ligado por afeto e é responsável pelas aventuras do herói na cidade grande. Aventura que coloca em oposição elementos da primitividade versus elementos cosmopolitas. Destacadas as peripécias de um herói que não consegue se adequar aos rumos que a civilização branca vive e quer impor. Esse personagem é tido como um herói. Herói por quê? Porque representa o povo brasileiro em todas as suas características. Pois, segundo Lutz Muller conclui que “... o herói reflete a vivência original da nossa importância e finitude existencial, e nossa esperança de poder superar este estado quase insuportável”.³

³ Lutz Muller . *O herói . Todos nascemos para ser heróis*. São Paulo : Cultrix , 1987, p. 24.

MACUNAÍMA: IRONIA E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

Em “Macunaíma” conhecemos elementos da nossa cultura, da riqueza que a miscigenação promoveu no Brasil desconhecido por muitos brasileiros, no qual é praticamente uma exposição da nossa essência e imaginário. Podemos perceber como o autor aborda a questão da miscigenação, pois o Brasil é formado por diferentes tipos de povos, um deles seria o índio, povo esse que sofreu uma invasão por parte de povos que se diziam civilizados, pois eram tão civilizados, que chegaram, tomaram, mataram e escravizaram esse povo de um caráter ingênuo (que pode ser comparado com uma criança), e como se não bastasse, ainda o taxava de “preguiçoso”.

Ora o quê esses invasores queriam? Que um povo depois de toda essa agressão sofrida não apresentasse resistências? Pois quem seria capaz de trabalhar em condição de escravidão, e ainda tivesse amor pelo seu trabalho? Em “Macunaíma, um herói sem nenhum caráter”, o que podemos observar nesse herói, é um índio preguiçoso e que só quer se dar bem sem sofrer conseqüências e isso Mário soube usar muito bem, ou seja, usou de ironia para expressar o que a classe burguesa pensava do índio. Essa conclusão se explicita na obra em questão, quando Macunaíma usa a famosa frase “Aí! Que preguiça!...”. Ele usa essa frase quando alguém o manda trabalhar.

O autor também usa outra presença marcante na cultura desse povo brasileiro, o negro, pois Gilberto Freire em Casa – grande e Senzala mostra que o negro além de ter sido explorado como força de trabalho, também foi fonte do alívio sexual da Casa grande. A negra principalmente foi usada e abusada para a iniciação sexual dos filhos dos senhores de engenho. Assim, o elemento negro é visto como um ser sexualizado no imaginário e pelo senso comum; é por isso que Macunaíma é também apresentado como um insaciável que “brinca” com as mulheres de todas as cores e tipos sem culpa e sem preocupação religiosa.

O negro também é visto como o grande responsável pelo crescimento econômico do Brasil, o mesmo serviu de escravo por séculos eles eram o braço direito em todos os setores de produção econômica. E por último o branco representado na figura do colonizador. A importância dos três povos os quais formam o povo brasileiro é descrita na obra pelo fato de serem irmãos, Macunaíma, Maanape e Jiguê.

A questão racial é tratada de forma fantástica, como no momento em que Macunaíma lembra de tomar banho e entra no poço sagrado formado pela pegada do jesuíta que veio catequizar no Brasil colônia – Macunaíma na primeira mistura (banho) se sobressai como os traços mais evidentes do europeu, enquanto seus outros irmãos permanecem mais próximos dos traços africanos – essa é uma das formas míticas de se explicar a composição das raças em “Macunaíma”. Então Macunaíma, Maanape e Jiguê ao mesmo tempo cada um tem uma cor.

Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho.

Mas a água era encantada... Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, a água lavara o pretume dele... Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água por todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo...

- Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos... Macunaíma teve dó e consolou:

- Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas! (Mário de Andrade em *Macunaíma*, 1997: 29).

Mário de Andrade era muito mais do que um nacionalista era um brasileiro apaixonado pelo seu país, descrito em sua obra, a começar pelo herói que é tirado das fontes indígenas que nasce e está envolto no mito, nas lendas e na primitividade do nativo brasileiro. Constrói um personagem com todas as características que o povo brasileiro é constituído, pois a malandragem de Macunaíma é mais uma visão preconceituosa no Brasil sobre o negro, que não tendo dado pelo sistema as condições que são dadas ao branco europeu, tem que sobreviver da melhor forma possível no famoso “jeitinho brasileiro”. Macunaíma no mesmo tempo que é um boa vida carrega dentro de si todos sonhos de um povo, esse personagem é uma mistura de tudo que é bom e ruim da nossa gente.

Uma das coisas boas é que Macunaíma sendo um herói da nossa gente não terá as características da civilização européia, num trabalho disciplinado, contínuo, exaustivo,

voltado para o trabalho de uma civilização fria, Macunaíma não tem esse comportamento, já que ele representa o Brasil, e este não é frio, pelo contrário é quente e tropical. Então a preguiça de Macunaíma é vista como uma coisa positiva, ou seja, ele se diferencia de outros povos pelo clima. E tem como proteção o calor humano que é representado na obra pela personagem, Vei a Sol .

Perto havia uns trabalhadores destruindo formigueiros para construir um açude. Macunaíma pediu água pra eles. Não tinha nem gota porem deram raiz de umbu. O herói matou a sede dos legornes, agradeceu e gritou:

- Diabo leve quem trabalha!

Os trabalhadores estumaram a cachorrada no herói. (ANDRADE, 1997: 115)

✎ Em toda obra podemos notar que Mário de Andrade ao escrever “Macunaíma, um herói sem nenhum caráter” usa uma linguagem que é nossa e falada pelos nossos antepassados, que ainda se fala no interior, nas comunidades indígenas (...), nas mais diversas comunidades, pois em “Macunaíma” existe uma mistura de vocabulários regionais, que Mário considera essa linguagem como sendo verdadeiramente popular, falada por um povo miscigenado. Fala essa na qual o povo se identifica, pois fica bem clara essa valorização quando na obra aparecem duas formas de falar a palavra mandioca. “.... dá aipim pra mim comer (...) tinha milho tinha macaxeira ...”(ANDRADE, 1997: 16) .

Manoel Cavalcante Proença em Roteiro de Macunaíma, também tem sua opinião com relação à linguagem da obra em questão, para ele trata-se de uma linguagem convencional no sentido em que o autor estabeleceu a priori um critério para o seu personagem, ou seja, a fusão dos regionalismos nacionais em todo. O herói é da nossa gente de todos os quadrantes (...) linguagens isentos de qualquer traço predominante.⁴

Um fato que chama nossa atenção é o fator lingüístico, pois como Proença já relatou, Macunaíma sendo o herói de nossa gente, tem que ter todas as características desse povo, como a cultura miscigenada, os costumes, (...) e a linguagem são uma delas, mas o que Mário não admite é a imposição de regras, por exemplo, à norma culta imposta pelos colonizadores, na qual só se usa na língua escrita, porque na linguagem falada não usamos esse tipo de norma. É aí que o autor vai ironizar quando escreve uma Carta pras Icamíabas.

Haveis de saber que este vocábulo, tão familiar as nossas trompas de Eustáquio, é quase desconhecido por aqui por estas personagens mui civis,

os guerreiros chamam-se policiais, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, masorqueiros, etc.; Sendo que alguns desses termos são neologismos absurdos – bagaço nefando com que os desleixados e petimetres conspurcam o bom falar lusitano. (ANDRADE, 1997: 55).

A obra em questão percebe-se que Macunaíma é um índio negro de uma tribo que vive no Iraricoera (Amazônia). Mas que tribo é essa? Tribo em que existe negro é na África ou em alguns lugares do continente africano, ou mesmo em outros lugares, mas a questão que nos chama atenção é a maneira como Mário cruza esses dois povos deixando perceber a importância na formação do Brasil, pois são nessas culturas que o povo brasileiro está enraizado. Antônio Candido⁵ falar que, nossa cultura é uma ambigüidade, ou seja, somos um povo latino e temos herança cultural européia, mas que também somos etnicamente mestiço, isso porque temos influências culturais, ameríndias e africanas.

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. (Mário de Andrade, 1997: 09).

Com base nessas afirmações notamos que na obra “Macunaíma” o herói, troca de cor como se trocasse de personalidade e isso acontece bem no momento em que os três irmãos, Maanape, Jiguê e Macunaíma partem para a cidade, pois quando o homem sai de suas origens e atinge o estágio de morar na cidade, ele perde a raiz, perde o fio com a terra, que lhe dá forças e que lhe faz ficar mais autêntico, e na cidade ele tem que se tornar mais racional, mais lógico, por isso, é que Macunaíma troca de cor. Uma confirmação disso é a cor que era negra passa a ser branca, por quê? Porque os colonizadores, ou conquistadores eram brancos, e nós temos ou tínhamos a concepção de que eles agem de maneira racional para os vários tipos de negócios (trabalho) e tendo assim mais facilidade de manipulação, ou seja, dar-se bem em todas suas investidas, num meio social em que os que vencem são os mais fortes.

... para a própria construção desse mundo, por meio do trabalho de representação, que continuamente realizam para imporem a sua visão do

⁴ M. Proença. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo: Civilizações, 1987, p. 60.

⁵ Antonio Candido. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. – São Paulo: T. A. Queiroz, 200.

mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, a visão da identidade social. A percepção do mundo social é o produto de uma dupla estruturação social... (BOURDIEU, 1998:139).

Na obra “Macunaíma, herói sem nenhum caráter”, também podemos observar como o autor critica de uma forma irônica, os que saem de sua pátria em busca de riquezas e se perde, então caracteriza esse homem como, aquele que ainda não tem uma identidade definida, por que a cultura esta dentro dele com uma espécie de ligação com o solo. Essa ligação é que faz o homem não perde suas raízes, essas raízes e como se fosse a verdade mais íntima dentro dele. Em razão desse desligamento do homem com o solo quando sai de suas origens, ele se depara com uma civilização europeizada, que não tem nada a ver com nossas raízes, nossa identidade cultural. Então esse homem se mistura com a cultura européia e não consegue ter uma identidade própria, porque ele já está engolido por esse sistema. O autor expressa o que pensa no cap. XII, frase dita por Macunaíma.

Tirou as calças pra refrescar e pisou em cima. A raiva se acumulou no sufragante e ate que muito satisfeito Macunaíma falou pros manos:

_ Paciência, manos! não ! não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar e na América. A civilização européia de-certo esculhamba a inteireza do nosso caráter. (ANDRADE, 1997: 84).

Tais traços são bem de um mundo capitalista, no qual vence os mais fortes, os que têm mais poder. Esse comportamento pode se observado da seguinte maneira. Macunaíma sai de suas raízes e parte para a civilização (São Paulo), porque até então ele vive em um mundo primitivo. Essa civilização misturada com culturas de outros países e modernizada, então Macunaíma prevendo o que viria a acontecer. O que ele faz? Ele deixa sua consciência para não se contaminar com essas técnicas da modernidade, mas não adianta, porque quando o herói retorna a seu mundo (floresta), leva juntas estas técnicas tornando-se “moderno”. Fato que pode se comprovado no capítulo XV. “.... Macunaíma gastara o arame derradeiro comprando o que mais entusiasmara na civilização paulista. Estavam ali com ele o relógio Patek e a casa de galinha Legorne.” (ANDRADE, 1997: 101).

Segundo Alfredo Bosi, na obra *Céu, Inferno*, também aborda sobre a modernidade.

... nem a vida urbana, mal europeizada e já semi-americanizada, consegue dar a nossa gente um habitat acolhedor: italianos (...). E por toda parte o que se

vê e a máquina hostil, a política rasteira e o dinheiro: curriculum vitae da civilização, a que hoje fazemos ponto de honra em pertencermos.(p. 139).

Fato que se comprova a crítica que Mário faz em sua obra “Macunaíma” com relação ao homem que perde sua identidade quando sai de suas raízes e se corrompe, e quando Macunaíma chega no Uraricoera e não é mais conhecido pelo seu povo.

... O herói ficou descasando. Estava assim quando sentiu no ombro um peso de mão. Virou a cara e olhou. Junto dele estava um velho de barba. O velho falou:

_ Quem es tu, nobre estrangeiro?

- Não sou estrangeiro não, conhecido. Sou Macunaíma o herói e vim parar de novo na terra dos meus...(ANDRADE, 1997: 109)

Assim como Mário tece suas críticas, com os assuntos que ele discorda, ele também ira demonstra relação com os assuntos que ele concorda. Prova disso, seria algumas analogias que o autor em sua obra “Macunaíma”, retrata como, por exemplo, a questão de Venceslau Pietro Pietra o gigante Paiamã, visto que esse gigante e um inimigo de Macunaíma, daí um contraste, pois o gigante representa a civilização que quer engolir (devorar), o que é primitivo, e Macunaíma representa exatamente esse ser primitivo. O autor descreve o herói saindo do mato-virgem, dando a impressão que ele saiu de todos os cantos do país, sugerindo a migração para a grande metrópole. Venceslau sendo a grande metrópole é uma máquina impiedosa e voraz. Mas no final o gigante morre na própria armadilha, isso porque, um mundo por mais que se considere moderno com suas técnicas, vai sempre ser engolido por um outro mais forte, isso é a lei de quem pode mais, a lei dos mais fortes. Mário quer mostrar exatamente, que, por mais que um país se torne moderno, vai sempre existir um mais forte. O sistema e bem assim, devora todos aqueles que não conseguem fazer o seu jogo. “Venceslau Pietro Pietra era gigante Paiamã comedor de gente”.⁶ Benjamin Abdala Junior⁷, falar que a obra “Macunaíma” mostra as situações que o país atravessava, de uma visão crítica é claro, mas que apareciam o caráter social.

Mário de Andrade queria com a obra “Macunaíma” mostrar a construção de uma identidade nacional. Tanto é que usa a busca pela Muiraquitã. Pois, essa significa a busca dessa identidade, busca por uma consciência nacional. Isso acontece porque o Brasil não só é

⁶ Mário de Andrade. *Um herói sem nenhum caráter*. 30ª ed. São Paulo: Vila Rica, 1997.p. 32.

⁷ Benjamin Abdala Junior. *Literatura história e política*. São Paulo: Ática, 1989.

feito de momentos primitivos, e sim de modernidade também. A Muiraquitã é à busca dessa modernidade, na qual todos os brasileiros precisam ter conhecimento, e isto é uma identidade.

E foi numa boca-da-noite fria que os manos toparam com a cidade macota de São Paulo esparramada a beira-rio do igarapé Tietê. (...) Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricuris ubussus (...). A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os gritos da bicharia lá em baixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis. (ANDRADE, 1997: 30)

E através desse fato e por ser um país múltiplo, o autor procura dar um passado, uma história que realmente tenha todas as raízes culturais que formaram nossa nação. Um fato pelo qual Mário chama nossa atenção é a questão religiosa, ele deixa bem claro que não é porque fomos colonizados por portugueses e esses nos impuseram a religião Católica é que teríamos que submeter a ela. Visto que o Brasil é um país miscigenado e esse tem suas ideologias religiosas. Pois estas religiões também têm sua vez de serem contempladas. Um capítulo que comprova tal idéia é quando o herói vai à macumba, na qual há uma relação de pessoas as quais representam todas as camadas sociais, como forma de desmascarar a utopia religiosa daquele tempo. Já que lá no terreiro de candomblé se encontrava desde o mais pobre ao banqueiro, no entanto não se admitia esse fato publicamente, fato que o autor trás à tona de uma forma bem evidente o sincretismo religioso do nosso país.

Às vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatório. Já tinha muita gente lá, gente direita, gente pobre, advogados garçons, pedreiros meias-colheres deputados gatunos, todas essas gentes e a função ia principiando (...), distribuiu uma vela acesa pra cada um dos marinheiros marceneiros jornalistas ricaços gamelas fêmeas empregados-públicos... (ANDRADE, 1997: 43).

Essas conclusões não são só de Mário, mas também outro escritor vem debater esse tema, Renato Ortiz⁸ fala que, o estudo dos cultos afro-brasileiro mostra a existência dos fenômenos da acumulação e sincretismo que indicam precisamente o aspecto das mutações culturais.

Na obra "Macunaíma", o autor critica a infidelidade do povo brasileiro com relação a sua cultura. Isso acontece quando no capítulo de Vei a Sol o herói trai a filha de sua protetora (Vei a Sol), com quem iria se casar, essa traição foi com uma portuguesa. Essa analogia pode

ser feita, pois Macunaíma representa esse povo, e estes estão sempre imitando, importando e não valoriza o que é nosso, chamando a atenção de seus leitores para uma reflexão sobre o estrangeirismo que se faz tão forte neste país, que pendura até os dias atuais. Essa desvalorização do nacional é duramente criticada no período modernista, tendo em Mário de Andrade o mais fiel defensor.

Quando Vei com suas filhas chegaram (...) encontraram Macunaíma e a portuguesa brincando mais. Então as três filhas de luz se zangaram:

_ Então é assim que se faz, herói! Pois nossa mãe Vei não falou pra você não sair da jangada e não ir brincar com as outras cunhas por aí?!

_ Estava muito trstinho! O herói fez.

_ Não tem que trstinho nem mané trstinho, herói!... (ANDRADE, 1997: 53).

Segundo Roberto Schwarz, na obra *Que horas são?*, fala que “o sentimento afetivo da civilização imitada, não é produzida pela imitação, e sim pela estrutura social do país, que coloca a cultura numa posição insustentável.”⁹ Pensar num caráter próprio sem fazer parte de cultura de outros povos, é simplesmente inviável, porque queira ou não queira, nos somos produtos da miscigenação, e essa é concreta, pois está na nossa pele, no nosso modo de agir.

O autor critica a sociedade massificada, fato que, na obra Mário fala da máquina como se o homem tivesse virado máquina, e a máquina virado homem. “... os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens”.¹⁰ Isso entra em contradição com outras vanguardas do próprio modernismo principalmente o *futurismo* de Marinetti que defende a inclusão das máquinas na temática poética como forma de retratar no poema as coisas modernas; uma vez que Marinetti defende euforicamente essa inclusão e Mário de Andrade critica através de seu personagem que não se ajusta à máquina, ao mundo mecanizado, maquinal. Até Fernando Pessoa fez essa apologia ao maquinismo, enquanto Mário de Andrade parece não querer uma adesão sem antes partir para a crítica.

Na obra podemos perceber a maneira como o autor atenta para o lado da sexualidade. Macunaíma é um herói extremamente feroso, tanto é que passa a obra toda brincando ou querendo brincar com as cunhãs. Isso só reforça a tese de que “Macunaíma, um herói sem nenhum caráter” é uma obra que retrata a formação da identidade do povo brasileiro, pois o brasileiro carrega consigo a rotulação de ser extremamente voltado para o lado sexual

⁸ Renato Ortiz, *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed.; São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 132.

⁹ p. 46.

aguçado. Mesmo porque essa formação dá-se desde o momento em que os colonizadores chegaram ao Brasil e encontraram as nativas do local, desencadeando o processo de mestiçagem, ou seja, o cruzamento de diferentes grupos. Ainda pode ser relatada a chegada dos escravos, fazendo com que essa sexualidade se tornasse mais aguçada, pois as escravas eram tidas como objeto sexual dos senhores feudais.

Daí, a formação mestiça que temos na qual teve como responsável à questão da sexualidade, que o povo brasileiro traz enraizada desde muitos séculos. Esse fato pode ser encontrado em toda a obra de Mário de Andrade “Macunaíma”.

Quando voltaram pra maloca a moca parecia muito fadigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela. (p.10)

O herói se atirou por cima dela para brincar. Ci não queria (...). Os manos vieram e agarraram Ci. Maanape traçou os braços dela de traz enquanto Jiguê com murucu lhe dava uma porrada no coco (...). Quando ficou bem imóvel Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. (p.18)

... ele sentou na rede mui rente da francesa , muito ! e falou murmurando que com ele era oito ou oitenta, não vendia não emprestava a pedra mas porém era capaz de dar ...conforme ... o gigante estava mas era querendo brincar com a francesa. (p. 39)

Macunaíma herói sem nenhum caráter, porque ao mesmo tempo em que ele constitui o povo brasileiro por conter traços ameríndios, africano e português, no qual o Brasil é formado. Então ele recebe desses povos o caráter que cada um tem. E assim, constituísse sem caráter por não definir um próprio. Por isso, o herói ora é malandro, ora é preguiçoso, ora é racional, malvado, humano, mentiroso, entre outras características. Fato que se comprova com algumas passagens da obra “Macunaíma” de Mário de Andrade.

... Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê otere o bacorocô a cucucogue, todas essas danças religiosas da tribo. (p. 9).

... Então o Herói caçou os ratos chamuscados, comeu-os e sem chamar os manos voltou pra pensão.

¹⁰ Mário de Andrade. *Macunaíma, um herói sem nenhum caráter*. 30ª ed. – São Paulo: Vila Rica, 1997, p. 31.

Lá chegando ajuntou os vizinhos, criados a patroa cunhas datilógrafos estudantes (...) e contou pra eles que tinha ido caçar na feira do Arouche e matara dois...

-... mateiros, não era veados mateiros não, dois veados catingueiros... (p. 69).

E assim, Macunaíma foi constituído de diferentes tipos de etnias. Pois a obra traçou novos rumos para uma literatura que ainda era alienada, com relação à cultura do povo brasileiro.

Enfim, a questão da construção da identidade do povo brasileiro comprovado por teóricos, não partiu de um estudo vindo do nada. E sim, de dados devidamente pesquisados por tais teóricos.

Este estudo sobre “Macunaíma, herói sem nenhum caráter”, é uma representação simbólica junto aos fatores, no qual o povo brasileiro foi constituído. Portanto, nos distinguimos dos outros países exatamente pela cultura e mestiçagem. Mário de Andrade lutou por um espaço em que o Brasil ainda não tinha se formado, mas que foi com o ponta pé do mesmo, que o país encaminhou-se para uma visão de desalienação cultural. Visto que o Brasil ainda esteja formando sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “Macunaíma, um herói sem nenhum caráter”, é um livro que chama nossa atenção, porque nela há a construção de identidade do povo brasileiro. Embora sendo uma ironia do autor em considerar o seu personagem um herói sem nenhum caráter, isso se deve ao fato de criticar o comportamento imposta socialmente ou mesmo a visão europocêntrica sobre o homem oriundo dos sertões, os indígenas – homem primitivo, etc. Contudo isso é no personagem de Macunaíma que se encontra as características do povo brasileiro. Pois o mesmo é constituído de diferentes culturas, formando um povo mestiço.

Mário de Andrade ao compor a obra estudou a história sócio-cultural do Brasil. Nela o autor reúne elementos e fragmentos de folclore, lendas e culturas presente no Brasil. Mário ajuda a construí um processo cultural que está desligado da alienação literária, já que, o mesmo participou do movimento modernista, ocorrido em 1922. Daí em diante Mário teve voz, mesmo não causando satisfação a todos (a classe burguesa que se sentia ofendida).

Macunaíma é um herói do nosso povo que contém traços ameríndios, africanos e do português. Na obra Mário ironiza o processo histórico que o Brasil foi constituído. Desta forma ele faz de Macunaíma o seu desabafo, momento em que conta ao mundo a sua insatisfação com relação a um Brasil europeizado tomado por máquinas.

Macunaíma, também é um retrato de uma sociedade preconceituosa, no qual somente o branco tem vez, deixando de lado o índio e o negro, os quais deveria ter um maior respeito na sociedade. O índio, porque eram os donos dessa terra e os negros, porque foram responsáveis pelo crescimento econômico do país. Mas, Mário retrata estes três povos sem demonstrar distinção. É por isso, que a obra transformou-se em uma polêmica. Mário de Andrade mostrou com a obra uma cultura popular, na qual estar as nossas raízes. Raízes essas de um povo que se distingue dos outros, por conter uma cultura formada de mestiçagem.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA, Benjamin Jr. *Literatura história e política*. São Paulo: Ática, 1889.

ANDRADE, Mário de. *De Paulicéia Desvairada a Café: poesias completas*. São Paulo: Círculo do livro, 1983.

_____. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 30ª ed. – São Paulo: Vila Rica, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

BRAUDBURY, Malcolm e James McFarlane(orgs) . *Modernismo, guia geral 1890- 1930*. trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed.- São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

FREIRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 32ª ed. – Rio Janeiro: Record, 1997.

HELENA, Lúcia. *Uma leitura Antropofágica*. Rio de Janeiro: Cátedra - INL, 1981.

MULLER, Lutz. *O herói: Todos nascemos para ser heróis*; trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1987.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

PROENÇA, Manoel Cavalcante. *Roteiro de Macunaíma*. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 1987.

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. 11ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROSENFELD, Anatol. *Letras e leitura*. Nanci Fernandes e Jacó guinsburg (orgs.). São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. *Texto/Contexto I*. 5ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 1996.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução a Literatura Fantástica*. 3ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 1992.